

verdadeiras (significativas) aprendizagens e para que se desenvolva a conscientização dos mesmos.

Os educandos são sujeitos ativos das suas próprias aprendizagens, como já referira Piaget. Vários autores neo-piagetianos (Gardner e Duckworth), salientam que a aprendizagem é grandemente facilitada se os novos conhecimentos a assimilar forem relacionados com saberes anteriores dos sujeitos. A ênfase na importância crucial que os conhecimentos anteriores dos alunos e que o contexto em que decorre a aprendizagem assume na assimilação de novas informações e experiências, constitui ponto de confluência entre as conceitualizações desses autores neo-piagetianos, com as posições neo-*vygotkianas* (Bruner, Cole e Wertsch) e com pressupostos básicos de áreas científicas diversas como: a Sociologia da educação (Bernstein, Bourdieu, Apple e Whitty); de Epistemologia genética (Popper); de Teoria curricular (Apple, Nunan, Barrow e Peretz); de Educação multicultural (Nemzet, Robinson e Ramsey); e de Educadores como Paulo Freire.

19 DIÁLOGO E PRÁTIS

Reinaldo Matias Fleuri*

A leitura da obra de Paulo Freire e a convivência intensa com ele foram decisivas para cultivar algumas opções e dar passos fundamentais em minha prática pessoal, profissional e intelectual.

O primeiro momento importante neste sentido foi durante a elaboração de minha dissertação de mestrado. Tomei como objeto de pesquisa a proposta educacional do Ciclo Básico da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Este setor reunia cerca de quatro mil alunos iniciantes na universidade e pretendia promover a formação da consciência crítica, através do diálogo em sala de aula. Na busca de entender as exigências pedagógicas para a formação da consciência crítica neste contexto escolar, estudei a teoria de Paulo Freire. Identifiquei, assim, duas condições fundamentais para a formação da consciência crítica: o *diálogo* e a *práxis*. Ou melhor, percebi que o debate em sala de aula poderia favorecer a formação da consciência crítica na medida em que explicitasse, de algum modo, sua ligação com a *práxis*

* Reinaldo Matias Fleuri é professor Titular no Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

social. E que, para se estabelecer uma prática educativa “transformadora”, era necessário mais do que um “procedimento metodológico” para formar a “consciência crítica” dos estudantes: tratava-se de se desenvolver vínculos teórico-práticos com os movimentos sociais.

Neste momento, dois saltos significativos ocorreram em minha busca intelectual.

O primeiro foi na compreensão do *diálogo*. Eu queria entender como se constrói a relação de reciprocidade entre sujeitos e como se superam os mecanismos de dominação. A leitura de Hegel, particularmente sobre a dialética senhor-escravo, me deu elementos para compreender dimensões essenciais na relação humana e social. E a leitura dos filósofos personalistas me havia ajudado a compreender a dimensão pessoal da construção de reciprocidade entre sujeitos. Até aí eu permanecia numa visão mais idealista e individualista das relações sociais.

Foi a leitura de Paulo Freire que me impeliu a entender que o *diálogo* se constrói como relação *entre sujeitos mediatizados pelo mundo*. Ou seja, os sujeitos – capazes de opção autônoma – se interagem criativamente mediante a ação, a *práxis*, quando assumem problemas ou conflitos que se tornam desafios comuns. Nisto consistiria essencialmente a ação educativa: explicitar os conflitos humanos e sociais para desafiar as pessoas e grupos a interagirem na busca de sua superação.

E aqui ocorre o segundo passo fundamental em minha busca intelectual: a compreensão da *práxis social* como princípio educativo. Entendi que é fundamental a articulação dos processos educativos formais com as lutas dos movimentos populares, para se implementar o caráter crítico e transformador destas práticas.

Assim, ao elaborar a tese de doutorado, assumi como tema de pesquisa, *a relação da universidade com os movimentos sociais*. Procurei analisar a relação entre universidade e educação popular, através da prática de extensão universitária da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), no período de 1978 a 1987. Entendi que, nesta instituição, a formulação de alguns projetos de extensão universitária foi motivada inicialmente por um ideal de comprometimento com os interesses objetivos das classes populares. Mas a ação desenvolvida é condicionada pela estrutura burocrática e hierárquica, caracterizando-se por certo assistencialismo, academicismo e elitismo. No entanto, ao mesmo tempo, cria um espaço acadêmico – nas atividades de ensino, pesquisa e extensão – em que os próprios movimentos sociais se fazem presentes, trazendo suas preocupações, conflitos e problemas, questionando a política assistencialista e exigindo a superação do caráter elitista e autoritário da universidade.

Tal reflexão fora semeada na convivência intensa com Paulo Freire no Ciclo de Debates sobre Educação Popular, promovido pela UNIMEP durante

o segundo semestre de 1983. Paulo Freire se deslocava de São Paulo a Piracicaba um dia por semana, para participar de seminários com representantes de trinta grupos que desenvolviam diferentes atividades de educação popular. Tal debate, ensejando a compreensão teórica dos desafios enfrentados nesta prática, estimulava a interação e a coesão destes grupos.

Para mim, de modo particular, foram marcantes as viagens semanais de volta para São Paulo, em que podia conversar longa e descontraidamente com Paulo Freire. Foram momentos de intenso prazer e companheirismo, em que me convenci de quão importante é, nas relações humanas e na ação política, o cultivo do compromisso social junto com a ternura pessoal.

Sinto, hoje, Paulo Freire como uma presença amiga e solidária em cada momento de minha vida. Não como o mestre que determina e baliza o caminho do discípulo. Mas como o companheiro que, assumindo radicalmente os desafios emergentes na práxis social, me estimula a assumir com liberdade as próprias opções e com solidariedade as lutas das classes populares. É através destas lutas que nos construímos reciprocamente como educadores-educandos.

20

EDUCAÇÃO-UTOPIA EM PAULO FREIRE O verdadeiro realismo do devir humano

Bartolomeo Bellanova*

A liberdade é conquistada com a “ajuda dos ensinamentos da educação por intermédio da comunicação e do diálogo... Uma democracia autêntica implica um acordo de fundo dos espíritos e da vontade na base da vida comum; uma democracia autêntica tem consciência de si mesma e dos seus princípios fundamentais, deve estar em posição de defender-se e de promover a sua própria concepção da vida social e política: essa deve portanto comportar um credo humano comum, o credo da liberdade”, disse Maritain no seu livro *Educazione della persona* (p. 127). A liberdade valoriza a dignidade

* Bartolomeo Bellanova é professor associado da Universidade de Bolonha, onde ensina Pedagogia Social. É diretor da revista *Problemi d'oggi*. Autor de *Paulo Freire: educatore problematicamente e prassi sociale per la liberazione*. Traduziu e editou, em parceria com Fausto Telleri, *Leggendo Paulo Freire*, de Moacir Gadotti, e deste em co-autoria com Paulo Freire e Sérgio Guimarães, *Pedagogia: dialogo e conflitto*.